

EM HOMENAGEM A FRANCISCO SALGADO ZENHA

Rui Vieira de Castro¹

No ano do centenário do nascimento do Dr. Francisco Salgado Zenha, a Universidade do Minho, através da sua Escola de Direito, decidiu celebrá-lo nas suas dimensões de cidadão, de advogado e de político.

Fê-lo através da realização de uma Conferência Comemorativa, que teve lugar em maio do corrente ano, e que contou com a presença de altos responsáveis do Governo, de representantes do sistema de justiça, da academia, da política e de outras áreas de atividade que, na Universidade do Minho, quiseram recordar o percurso do Dr. Francisco Salgado Zenha.

Fê-lo organizando uma exposição evocativa, estruturada em torno do espólio do Dr. Salgado Zenha, intitulada “As Páginas Necessárias”.

Fá-lo, agora, com a edição da presente coletânea de estudos, que reúne diversos testemunhos e contributos de professores e investigadores.

Este plano de comemorações alicerçou-se no reconhecimento, por muitos, da importância do legado, de pensamento e de ação, do Dr. Salgado Zenha.

Há, na verdade, razões muito relevantes para recordarmos e celebrarmos, hoje, a figura do Dr. Francisco Salgado Zenha.

¹ Reitor da Universidade do Minho

Razões que se relacionam, desde logo, com a sua ligação a Braga, onde nasceu e onde fez a sua formação pré-universitária, no Liceu Nacional; a esta cidade regressou frequentemente ao longo da sua vida e nela desenvolveu, no período de consolidação da nossa democracia, funções políticas de relevo, tendo sido o primeiro Presidente da Assembleia Municipal de Braga.

No exercício da advocacia, o Dr. Francisco Salgado Zenha foi um advogado largamente reconhecido pela elevada qualidade técnica do seu trabalho, que aliava a uma defesa intransigente dos princípios fundamentais do Estado de Direito, da dignidade da pessoa humana, dos direitos das mulheres e dos trabalhadores, dos direitos das pessoas concretas, que o tornaram um exemplo para muitos profissionais da advocacia e para muitos cidadãos.

A referência moral que representava foi particularmente importante num regime político repressivo, reacionário e antidemocrático, como era aquele em que uma larga parte da sua vida decorreu; o seu papel na defesa dos direitos dos presos políticos constituiu um exemplo e um estímulo para todos aqueles que se encontravam empenhados no combate por um país diferente, humanista, livre, democrático, aberto e desenvolvido. A sua atividade política na consolidação do Portugal democrático teve expressão em causas que ajudaram a reconfigurar o país: a revisão da Concordata com a Santa Sé, que veio possibilitar o divórcio nos casamentos católicos, foi por si conduzida de forma serena, evitando os riscos de uma nova “questão religiosa”; empenhou-se ativamente na luta pela liberdade sindical, que entendia como uma das liberdades definidoras da democracia; defendeu a descentralização do Estado e uma “administração aberta”, que considerava fundamentais para a construção de um Estado democrático.

O Dr. Salgado Zenha orientou a sua ação política por valores e em defesa de causas. O Portugal democrático é devedor da sua ação e essa é também razão ponderosa para celebrarmos o centenário do seu nascimento.

Há, porém, outras razões, académicas, para a Universidade do Minho ter, em boa hora, promovido estas comemorações.

A Escola de Direito da Universidade do Minho, cujo curso de Direito foi criado em 1993, tem no cerne da sua missão a formação de juristas.

Há 25 anos, a doação do espólio que hoje constitui a Biblioteca Salgado Zenha, um importante núcleo da Biblioteca de Direito, significou a disponibilização de um *corpus* bibliográfico de grande relevância, com cerca de

20 000 espécimes, de grande utilidade para o trabalho dos estudantes, dos professores e dos investigadores; o espólio permite reconstituir a personalidade polifacetada do Dr. Salgado Zenha, no que eram os seus referenciais técnicos e teóricos, mas também o seu efetivo exercício de advocacia (através de peças judiciais), a sua atividade política, os seus gostos nos domínios da filosofia, da história e da literatura, e também a sua rede relacional, na esfera nacional e internacional.

A participação ativa, social e política, na vida da comunidade, assente na vinculação a princípios e valores radicados no primado da dignidade da pessoa humana e do direito, da democracia e do pluralismo de opiniões e de orientações, e o compromisso com o bem comum foram traços marcantes do pensamento e da ação de Francisco Salgado Zenha.

Hoje, quando observamos o que hoje se passa à nossa volta, percebemos como importa, em contínuo, reafirmar valores e compromissos desta natureza.

Emergem fenómenos de intolerância, fenómenos de pobreza e exclusão permanecem à vista de todos, a vida social e política é genericamente atravessada por factos geradores de descrença na democracia, reaparecem propostas populistas e autoritárias, que, um pouco ingenuamente, talvez julgássemos enterradas; se a tudo isto juntarmos a guerra, que, em todo o seu horror, voltou ao centro da Europa de um modo que até há pouco não julgaríamos possível, e a crise climática que ameaça a nossa casa comum percebemos a magnitude das ameaças que sobre nós pairam. Percebemos, também, que o mundo que estamos a deixar às novas gerações não é (ou dificilmente será) um mundo esperançoso.

Como sociedade, como comunidade estamos a falhar.

É precisamente em tempos históricos como aquele que vivemos, que mais sentido faz recordar aqueles que são valores essenciais que reconhecemos na ação cidadã e na ação política do Dr. Francisco Salgado Zenha.

É em tempos como este que vivemos, que mais sentido faz sentido reafirmar que na formação de homens e mulheres livres, nas dimensões ética, cultural, científica, artística, técnica e profissional, comprometidos com o bem comum e com o exercício de uma cidadania ativa e responsável, a Universidade tem um papel insubstituível.

TESTEMUNHOS

A valorização das instituições universitárias, é preciso compreendê-lo, e agir em consequência, é condição fundamental para a construção de um Portugal mais próximo daquele que o Dr. Francisco Salgado Zenha ambicionava. Se tal não acontecer estaremos, também aqui, a colocar o nosso futuro em causa.